

UMA ABORDAGEM SOBRE SAÚDE EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

An approach to health in physical education classes for youth and adult education

Kátia Regina Xavier da Silva

Colégio Pedro II¹

Gabriel Mendonça de Oliveira

Universidade Federal Fluminense²

Matheus Siciliano Menezes de Medeiros

Universidade Federal Fluminense³

Juliana França da Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro⁴

Diego Da Silva Sodré

Prefeitura do Rio de Janeiro⁵

Resumo: A Educação Física deve considerar a formação integral, a aprendizagem ao longo da vida e a produção de conhecimentos por parte dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O presente relato teve como objetivo: compartilhar reflexões oriundas de encontros na EJA, realizados no primeiro semestre de 2019, que versaram sobre a temática saúde, em aulas de Educação Física do Colégio Pedro II. A saúde é um rico objeto de conhecimento e problematização da vida, o que justifica a experiência pedagógica ser analisada sob o ponto de vista qualitativo. Como resultados, observou-se boa receptividade dos estudantes com relação aos conteúdos e estratégias de ensino e o respeito às diferenças foi destacado como algo a ser considerado. A abordagem se mostrou profícua, sob o ponto de vista da relação dos assuntos com o cotidiano e da atribuição de sentidos e significados, referentes à adoção de estilos de vida saudáveis.

Palavras-chave: Diferenças; Educação Física; Educação de Jovens e Adultos; Saúde.

¹ Doutora em Educação/UFRJ (2008); katiarxsilva@gmail.com; Professora Titular e Pesquisadora do Colégio Pedro II; Departamento de Educação Física.

² Licenciando em Educação Física/UFF; gabriel.pipa@hotmail.com.

³ Licenciando em Educação Física/UFF; msicilianomm@gmail.com.

⁴ Licenciando em Educação Física/UERJ; julianafrancacp2@gmail.com.

⁵ Professor; diego_sodre@yahoo.com.br; Docente da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Pós-graduando do Programa de Residência Docente (PRD) do Colégio Pedro II.

Abstract: Physical Education should consider integral training, lifelong learning and the production of knowledge by students of Youth and Adult Education (EJA). This report aimed to: share reflections from meetings at EJA, held in the first semester of 2019, which dealt with the theme of health, in Physical Education classes at Colégio Pedro II. Health is a rich object of knowledge and problematization of life, which justifies the pedagogical experience to be analyzed from a qualitative point of view. As a result, there was a good receptivity of students regarding both contents and teaching strategies, and respect for differences was highlighted as something to be considered. The approach proved to be fruitful, when it comes to the use of topics related to daily life and the attribution of senses and meanings, regarding the adoption of healthy lifestyles.

Keywords: Differences; Physical Education; Youth and Adult Education; Health.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada a oferecer formação para pessoas que não tiveram a chance de frequentar e concluir com sucesso a escolaridade básica, na idade própria. Muitas dessas pessoas já estão no mercado de trabalho, necessitaram interromper a jornada de estudos por motivos particulares ou tiveram histórico de sucessivas reprovações no ensino regular. O Artigo 37 da LDB 9.394/96 determina que a EJA deverá constituir “instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”. Essa demanda vem à tona a partir da Lei Nº 13.632, de 06 de março de 2018, e traz novos desafios para a formulação e para a implementação de propostas curriculares em todas as disciplinas. No caso da Educação Física escolar, acrescenta-se mais um desafio, pois a legislação também abre precedentes que flexibilizam a obrigatoriedade na EJA, caracterizando a prática da disciplina como facultativa em casos específicos (Art.24, § 3º da LDB 9.394/96), a saber: pessoas que têm jornada de trabalho igual ou superior a seis horas, que tenham mais de 30 anos de idade, que estiverem prestando serviço militar, que tenham algum problema de saúde agudo ou agudizado ou que tenham prole.

A minuta intitulada “Educação Física no Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)” do Colégio Pedro II (DEF, 2018)⁶ apresenta algumas bases conceituais e metodológicas para a implementação da disciplina Educação Física no currículo do PROEJA do Colégio Pedro II (CPII) e aborda as origens da

⁶ Não publicado.



discussão que antecedeu o oferecimento da referida disciplina para as turmas de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional para Jovens e Adultos (PROEJA), no ano de 2019. Cabe destacar, com base nesse documento, a importância da formação integral dos estudantes; a preocupação em promover experiências que levem em consideração ciência, arte e técnica; e o desenvolvimento de estratégias de ensino que não se restrinjam à transmissão de conhecimentos, mas enfatizem a produção destes. Neste sentido “um currículo de base humanista e social deve ter incluída a Educação Física para trabalhar a corporeidade desses sujeitos. Não se deve dissociar a formação de base técnica com a dos sentidos, do humano e do corpo” (DEF, 2018, p.7).

O presente relato tem como objetivo compartilhar resultados e reflexões sobre experiências oriundas de encontros entre professora, estudantes do PROEJA e parceiros de trabalho – três estudantes de licenciatura em Educação Física e aluno do Programa de Residência Docente do CPIL⁷ – realizados no primeiro semestre de 2019, em aulas de Educação Física no *Campus* Engenho Novo II, que versaram sobre a temática saúde. O uso da palavra encontro, em substituição à palavra aula, justifica-se por entendermos que o espaço construído no decorrer desses seis meses não se encerra nos conteúdos ministrados no programa de ensino. Os conteúdos – conceituais, procedimentais, atitudinais e condicionais – têm nos servido como meio para pensar a educação, o ensino e a aprendizagem ao longo da vida. A fim de proporcionar aos estudantes das turmas TA101 e AA102⁸ experiências enriquecedoras que aproximassem saberes do cotidiano, conhecimentos científicos e vivências ligadas à cultura corporal do movimento, lançamo-nos num processo autorregulatório⁹ que culminou no presente relato, com a síntese avaliativa do que vivemos e algumas reflexões sobre perspectivas futuras.

⁷ Além da professora regente, participaram dos encontros três ex-alunos do CPIL e atualmente licenciandos em Educação Física – uma da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e dois da Universidade Federal Fluminense (UFF) – e um docente de Educação Física que atua na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e está cursando o Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II, um curso de Pós-graduação em Práticas de Educação Básica oferecido pelo CPIL desde 2012 e que visa aliar teorias e práticas no processo de formação continuada de professores.

⁸ TA101 refere-se à turma de Técnico em Administração e AA102 à turma de Auxiliar Administrativo.

⁹ Autorregulação é um processo que envolve mecanismos intencionais e voluntários que visam o controle de pensamentos, comportamentos e sentimentos, a fim de atingir objetivos estabelecidos

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 182-195.

Recebido em: 15/08/2019

Publicado em: 13/04/2020

O relato foi organizado em quatro partes. A primeira faz uma abordagem da educação como um direito e da saúde como um conteúdo para a vida na EJA. A segunda apresenta como a temática saúde foi trabalhada na disciplina Educação Física no primeiro semestre de 2019, em duas turmas da EJA no *Campus* Engenho Novo II. A terceira apresenta alguns resultados do trabalho realizado, a partir de sínteses avaliativas escritas pelos discentes, pelos estudantes de licenciatura e por um pós-graduando, que acompanharam o desenvolvimento do trabalho. A quarta parte aborda perspectivas futuras a serem implementadas no segundo semestre de 2019.

A educação como um direito e a saúde como um conteúdo para a vida na EJA

A fim de compreender a modalidade de Educação de Jovens e Adultos e as problemáticas que a permeiam é necessário entender o processo histórico que foi submetido nessa estrutura. Paiva (2006) caracteriza a educação como um direito fundamental e desconstrói a ideia de que a EJA seria uma espécie de favor aos que não conseguiram estudar no tempo esperado. A autora também destaca a necessidade de investimentos na formação dos profissionais que atuam nessa área, com vistas à diminuição da desigualdade de oportunidades educacionais. Segundo ela, “professores quase sempre formados para lidar com crianças acabam ‘caindo’, no âmbito dos sistemas, em classes de jovens e adultos com pouco ou nenhum apoio ao que devem realizar” (2006, p.2). A desigualdade de oportunidades a qual o público da EJA é submetido pode ser expressa, entre outros, pela abordagem descontextualizada dos conteúdos; pela desconsideração de assuntos que contemplem as especificidades de cada estudante e região; pela infantilização da abordagem didática e pela inadequada utilização das mesmas estratégias adotadas no ensino regular com crianças e adolescentes, sem a devida adequação, à realidade da EJA. Cabe aos docentes ensinar os conteúdos do currículo, mas, sobretudo, é necessário que os estudantes aprendam, com autonomia, conteúdos e habilidades acadêmicas e profissionais que os permitam aprender ao longo da vida.

Isto significa ter domínio suficiente para, em processo de aprendizado continuado, manter-se em condições de acompanhar a velocidade e a complexidade do mundo contemporâneo, que exige aprender

(ROSÁRIO; POLYDORO, 2014). Rosário (2004) caracteriza o processo autorregulatório em três etapas: planejamento, execução e avaliação.



continuadamente, por toda a vida, ante os avanços do conhecimento e a permanente criação de códigos, linguagens, símbolos e de sua recriação diária. Exige não só o domínio da linguagem escrita, mas também competência como leitor e escritor de seu próprio texto, de sua história, de sua passagem pelo mundo. Exige reinventar os modos de sobreviver, transformando o mundo (PAIVA, 2006, p.3).

Dentre os diferentes assuntos a serem abordados na EJA destacamos a saúde como um rico objeto de conhecimento e problematização da vida. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o autocuidado, associado às questões ligadas à saúde, constitui uma das competências gerais a serem desenvolvidas na Educação Básica. Desse modo, o processo de ensino deve proporcionar vivências que permitam ao estudante “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BRASIL, 2017, p.10). Na seção que trata do ensino da Educação Física, a produção cultural vinculada ao cuidado com o corpo e a saúde e/ou ao lazer entretenimento constitui um dos três elementos fundamentais comuns às práticas corporais, ao lado do movimento corporal e da organização interna.

A perspectiva multidimensional de saúde enunciada pela BNCC desafia-nos a abordar o tema numa perspectiva interdisciplinar e contextualizada. A EJA recebe discentes com diferentes faixas etárias, histórias e experiências de vida. Isso potencializa a troca de saberes, o exercício do diálogo, a propagação de ideias e o desenvolvimento de ações didáticas que contemplem diferentes temas. É importante ressaltar que em todas as ações de saúde há sempre uma ação educativa.

A saúde é um direito de todos, assim como a educação. Segundo a Declaração de Alma-Ata (OPA/OMS, 1978), “é direito e dever dos povos participar individual e coletivamente no planejamento e na execução de seus cuidados de saúde.” Por isso, ações relacionadas a saúde dentro das escolas possuem um teor benéfico, uma vez que esses alunos passam a se capacitar para as situações do cotidiano, seja para o autocuidado ou para o cuidado coletivo, indo das regras básicas de higiene pessoal e coletiva, primeiros socorros, até regras de segurança doméstica, de convivência, entre outros. Além disso, esses tipos de informações nas escolas possibilitam que os conhecimentos sejam multiplicados e mais pessoas passem a ser beneficiadas.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 182-195.

Recebido em: 15/08/2019

Publicado em: 13/04/2020

Durante as aulas de Educação Física ministradas no primeiro semestre de 2019, o conceito de saúde foi trabalhado numa perspectiva que considera cinco dimensões inter-relacionadas: emocional, social, física, intelectual e espiritual (SILVA; et al, 2017). Na próxima seção abordaremos como essa temática foi trabalhada.

Metodologia

A temática saúde foi abordada com duas turmas de estudantes da EJA do Campus Engenho Novo II do CPIL, em dois tempos semanais de 40 minutos, uma vez por semana. Participaram das atividades um total de 57 estudantes, sendo 27 da turma A (primeiro e segundo tempos) e 30 da turma AA (terceiro e quarto tempos). A frequência semanal das turmas variou entre 50% e 70%, sendo a turma AA102 mais frequente. A faixa etária dos estudantes varia de 18 a 64 anos e a distribuição é relativamente equilibrada quanto ao número de homens e mulheres. Foram realizados 12 encontros, que envolveram a discussão sobre conteúdos declarativos (conceitos, fatos, informações sistematizadas a respeito de conhecimentos ligados à saúde e à atividade física), conteúdos procedimentais (habilidades e procedimentos ligados à identificação e monitoramento de indicadores de saúde, como índice de massa corporal, frequência cardíaca, níveis de atividade física), conteúdos atitudinais (relativos à autoeficácia para a adoção de hábitos saudáveis e para a mudança de hábitos não saudáveis) e conteúdos condicionais (referentes à quando e como adotar determinados procedimentos ligados ao monitoramento de indicadores de atividade física e saúde). A autoeficácia é definida na perspectiva da Teoria Social Cognitiva (BANDURA, AZZI E POLYDORO, 2008), como a crença na própria capacidade de empreender cursos de ação para atingir objetivos propostos em áreas de domínios específicas. No caso dos encontros realizados com os estudantes da EJA a autoeficácia foi problematizada, considerando o domínio do autocuidado referente aos hábitos saudáveis. O Quadro 1 sumariza os objetivos dos encontros, as temáticas abordadas e as estratégias utilizadas.



Quadro 1 – Sistematização as atividades no primeiro semestre de 2019

Objetivos	Tema	Estratégias
Identificar o conhecimento prévio dos estudantes a respeito da temática saúde; mapear os hábitos dos estudantes no que se refere à alimentação, lazer, prática de atividades físicas; problematizar o conceito de saúde sob o ponto de vista multidimensional; definir autoeficácia para a prática de atividades física.	Conceituando saúde sob um ponto de vista multidimensional.	Formulário de avaliação diagnóstica; Aulas expositivas dialogadas.
Definir estilo de vida; identificar o próprio estilo de vida, a partir de parâmetros sugeridos por Nahas (2000), referentes à nutrição, controle do stress, atividade física, relacionamentos e comportamento preventivo.	Refletindo sobre perfil do estilo de vida individual.	Dinâmica com o Pentáculo do Bem-estar (NAHAS, 2000)
Identificar e monitorar indicadores de saúde.	Conhecendo indicadores de monitoramento de saúde física (Frequência Cardíaca Máxima, Índice de Massa Corporal, níveis de atividade física, gasto calórico e intensidade dos exercícios)	Aula expositiva dialogada; Atividade inspirada na corrida de orientação na qual os estudantes deveriam buscar perguntas escondidas em pontos estratégicos e respondê-las a partir do conteúdo trabalhado.
Vivenciar jogos cooperativos e competitivos; problematizar as vivências corporais no contexto da discussão sobre saúde social.	Refletindo sobre saúde, cooperação, diálogo e conflito no cotidiano.	Estafetas; Produção de uma síntese reflexiva, relacionando as palavras saúde, cooperação, diálogo, conflito, avaliação, às atividades desenvolvidas na aula.
Problematizar informações sobre saúde apresentadas na História-Ferramenta: E agora, Francisco?	História-Ferramenta: E agora, Francisco? ¹⁰ (ROCHA, 2018)	Problematização das informações sobre saúde apresentadas na História; Elaboração de um desfecho para a História.
Vivenciar práticas corporais ligadas à ginástica; Problematizar as vivências corporais no contexto da discussão sobre saúde física.	O circo como componente da ginástica: vivências com malabarismo e corda de pular.	Roda de conversa sobre as vivências corporais.
Produzir uma síntese dos conceitos sobre saúde abordados no semestre.	Sintetizando o que eu aprendi em uma fotonovela.	Produção de um roteiro e uma fotonovela que sintetize os conteúdos abordados no semestre.
Vivenciar práticas corporais ligadas à dança; problematizar as vivências corporais no contexto da discussão	Organizando uma festa!	Organização de uma festa Julhina; Roda de conversa sobre as vivências corporais.

¹⁰ A história-ferramenta E agora, Francisco? foi produzida no contexto do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (ROCHA, 2018) e caracteriza-se como um material didático voltado para a problematização de conceitos ligados à saúde nas aulas de Educação Física para a Educação de Jovens e Adultos, produzido a partir da Teoria da Autorregulação de Albert Bandura.

Objetivos	Tema	Estratégias
sobre saúde emocional.		
Produzir uma autoavaliação, a partir das seguintes orientações: descrição do que aprendeu no primeiro semestre, indicação de lacunas no conhecimento aprendido e sugestões para o segundo semestre.	Autoavaliação.	Elaboração de autoavaliação a partir de orientações fornecidas pela professora.

Fonte: os autores, com base no Planejamento didático da professora regente.

No decorrer dos encontros, a autoavaliação foi utilizada como ferramenta para monitorar o processo de apreensão dos conteúdos, por parte dos alunos, e como forma de *feedback* para a construção e adequação do planejamento didático, por parte dos professores e licenciandos. Neste sentido, a autoavaliação tem funcionado como um instrumento para que os alunos e professores possam analisar seu desempenho, identificando pontos positivos e negativos, avanços e dificuldades, a fim de ajustar metas e propósitos relacionados a aprendizagem de um certo conteúdo ou conhecimento e obter o domínio de competências necessárias ao processo (SILVA, 2007). A autoavaliação se apresenta, portanto, como medida de regulação, tendo em vista ser um processo interno do indivíduo, através do qual o próprio entende seus diferentes momentos e aspectos cognitivos (SANTOS, 2002).

O objetivo da autoavaliação consiste em observar o processo de ensino/aprendizagem, a fim de que conclusões alcançadas a partir das reflexões dos participantes resultem em benefícios tanto para o ensino quanto para a aprendizagem. Essa questão exige um melhor preparo de todos envolvidos nesse processo, com o intuito de conseguir respostas mais críticas, reflexivas e honestas, de maneira que sejam atingidos efeitos benéficos para o processo como um todo (SILVA *et al*, 2007).

A partir da autoavaliação pode-se alcançar resultados que podem fomentar ações individuais ou reorientar os rumos de um projeto para o grupo todo. Esse processo não se limita ao domínio de conteúdos e princípios, podendo também mostrar o nível de relação entre os colegas e com o professor. É de suma importância que os alunos saibam quais aspectos em que eles devem se autoavaliar, podendo ser apresentados pelo professor em sala de aula por meio de uma lista com pontos a serem abordados, relacionados com o conteúdo apresentado, a fim de que os estudantes possam dizer como se desenvolveram em relação a cada ponto (PELLEGRINI, 2003).



Entre os benefícios relacionados à autoavaliação estão a participação do aluno no processo de aprendizagem, tomando consciência dos seus progressos e suas dificuldades; a assunção da responsabilidade sobre a aprendizagem; o desenvolvimento da autonomia; a compreensão das próprias limitações e potencialidades e o estabelecimento de prioridades de estudo. Fica a cargo do professor, construir um ambiente de confiança entre ele e os estudantes, a fim de que estes possam se abrir honestamente e utilizar esse instrumento para tomar conhecimento das próprias necessidades. No que se refere ao professor, o resultado da autoavaliação pode servir de fonte de informação para auxiliar os estudantes e organizar as atividades individuais ou em grupo para o domínio das dificuldades (GENTILE; ANDRADE, 2001).

Conforme apresentamos no Quadro 1, na última aula do semestre os estudantes produziram uma autoavaliação, a partir das seguintes orientações: descrição do que aprenderam no primeiro semestre, indicação de lacunas no conhecimento aprendido e sugestões para o segundo semestre. A fim de sistematizar os conteúdos das autoavaliações dos estudantes e identificar pistas para a melhoria do planejamento realizamos uma análise categorial temática das produções. Inicialmente, fizemos uma leitura geral de todas as produções, na tentativa de identificar as temáticas centrais abordadas, a partir das orientações fornecidas para a elaboração da autoavaliação. Em seguida, organizamos o conteúdo das redações, considerando a variável sexo, e agrupamos as ideias similares, a fim de refletir sobre elas. Na próxima seção apresentamos alguns resultados do trabalho realizado, a partir dessas sínteses avaliativas escritas pelos discentes. Também apresentamos a perspectiva dos parceiros de trabalho que acompanharam o processo no primeiro semestre.

Sínteses avaliativas do trabalho realizado

Ao solicitar aos estudantes que escrevessem sobre “o que aprenderam” esperava-se que eles indicassem conteúdos – declarativos, procedimentais, atitudinais e condicionais – e descrevessem, de maneira específica, aspectos abordados ao longo do semestre. Ao questioná-los sobre as lacunas no conhecimento aprendido no primeiro semestre, esperava-se que eles indicassem o

que consideram que precisam melhorar em relação ao estilo de vida e hábitos ligados à prática de atividade física e informassem que conteúdos abordados reconhecem como úteis e de valor para a vida cotidiana. A terceira orientação para a elaboração da autoavaliação visou mapear sugestões e demandas dos estudantes para o segundo semestre. O quadro 2 sintetiza esses resultados, considerando a distribuição das respostas por sexo e aspectos avaliados.

Quadro 2 – Análise das autoavaliações dos estudantes considerando a variável sexo

Aspecto avaliado	Homens	Mulheres
O que aprendi	<ul style="list-style-type: none"> A importância da interação entre as pessoas (3); conceituação de saúde numa perspectiva multidimensional (“saúde é mais que atividade física”) (10). 	<ul style="list-style-type: none"> Conceituação de saúde a partir de uma abordagem mais funcional, com ênfase em aspectos práticos, ligados ao “o que fazer” para melhorar a saúde (“repensar nossos hábitos para um estilo de vida mais saudável, benefícios de ter um corpo em movimento”). (13)
O que os conteúdos abordados representam para a minha vida cotidiana/ o que eu preciso fazer para tornar meu estilo de vida mais saudável	<ul style="list-style-type: none"> Organizar o tempo para inserir uma rotina de exercícios físicos (9); melhorar a alimentação (9). 	<ul style="list-style-type: none"> Organizar melhor o tempo para aplicar os conceitos apresentados/aprendidos nas aulas (4); melhorar a qualidade da alimentação (10); incluir atividades físicas na rotina diária (12); melhorar a saúde emocional (2).
Sugestões	<ul style="list-style-type: none"> Realizar mais atividades práticas fora da sala (10); realizar mais dinâmicas de interação em grupo (4); levar curiosidades sobre equipamentos de saúde e equipamentos utilizados por atletas (3). 	<ul style="list-style-type: none"> Ensinar meditação (1); fazer brincadeiras e jogos populares (4); fazer práticas na quadra e/ou ao ar livre (6); trabalhar conteúdos relacionados à saúde e fisiologia humana aplicada ao exercício (3).

Fonte: os autores, a partir das autoavaliações dos estudantes.

* O número ao lado das ideias apresentadas representa o quantitativo de vezes que a ideia apareceu nas respostas dos estudantes

A respeito das aprendizagens que marcaram a primeira certificação, na visão dos estudantes, observamos diferenças entre as respostas dos homens, que focalizaram o conceito de saúde e as vivências coletivas realizadas, e as respostas das mulheres, que apresentaram uma visão mais funcional do conteúdo trabalhado, enfatizando aspectos relativos ao “o que fazer” para tornar o estilo de vida mais saudável. Sobre os conteúdos abordados e sua relação para a vida cotidiana, tanto



homens como mulheres destacaram a necessidade de encontrar estratégias para a reorganização dos hábitos, principalmente relativos à prática de atividades físicas, à qualidade da alimentação e a saúde emocional. No que diz respeito às sugestões, observamos demandas oriundas de homens e mulheres voltadas para a ampliação das vivências das práticas corporais e das informações conceituais sobre a melhoria da saúde, incluindo, no caso das mulheres, demandas por jogos e brincadeiras populares e prática de meditação. Essas considerações indicam a receptividade positiva dos estudantes com relação aos conteúdos abordados e o potencial da temática saúde para o público da EJA.

A fim de pensar a experiência sob o ponto de vista da prática pedagógica, os parceiros de trabalho também elaboraram narrativas reflexivas sobre o impacto desses encontros para a formação inicial – no caso dos licenciandos – e para a formação continuada – no caso do pós-graduando. As narrativas foram apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Relatos dos parceiros de trabalho a respeito da experiência vivenciada

Relatos dos parceiros de trabalho a respeito da experiência vivenciada
Há exato um ano para finalizar a graduação em Educação Física pude aprender muitos conceitos e teorias que serão fundamentais para a minha futura prática pedagógica. Porém, foi nos estágios que consegui visualizar na prática a melhor forma de abordar esses conteúdos. Quando surgiu a oportunidade de estagiar com turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi algo que me animou por nunca ter sequer pensado em maneiras de trabalhar com uma turma tão diversificada. Estamos acostumados a planejar aula para alunos de uma mesma faixa etária, e entrar em uma turma tão diferenciada em questão de idade e história de vida, me pareceu ser um grande desafio. Participar como estagiária com turmas da EJA está sendo magnífico. Chega ser difícil expressar em palavras o quanto é satisfatório entrar nas salas e passar 80 minutos com a professora, os outros estagiários e os discentes. Primeiro porque os alunos são mais velhos que eu e possuem muitos conhecimentos de vida que jamais teria conhecido se não fosse essa experiência com a EJA. Segundo, porque são com essas vivências que consigo observar a postura da professora, sua metodologia de ensino e os conteúdos os quais são trabalhados com esse público tão diferenciado, respeitando-os em seus limites e considerando suas histórias de vida. Tudo isso está me proporcionando uma visão nova da importância do papel do professor na vida desses alunos que devido a diferentes motivos, não tiveram a oportunidade de terminar os estudos quando eram mais novos. Não há nada mais gratificante que saber que nossos ensinamentos não são apenas um conteúdo que eles irão copiar no caderno, mas sim algo que pode favorecer sua saúde e qualidade de vida, ultrapassando os muros da escola. (Licencianda em Educação Física, 9º período, UERJ)
Relatando um pouco da experiência obtida no estágio com o PROEJA no Colégio Pedro II durante o primeiro semestre de 2019, pude observar como a influência das propostas de aulas baseadas na cultura corporal e nas questões multifatoriais da saúde resultaram em grandes momentos de construção de conhecimento e despertaram um saber dos alunos que por acontecimentos da rotina foram sufocados. Durante as aulas outro ponto que emergiu foi que a cada ferramenta apreendida e construída nas aulas, as relações entre os alunos da turma; entre os alunos e os professores; e entre os alunos e a forma que eles faziam a leitura da sociedade foi se fortalecendo e aprofundando. Os conhecimentos apreendidos durante o estágio com a professora regente, com os outros estagiários e com as turmas me auxiliaram com minha formação pessoal e profissional, na construção de ferramentas pedagógicas e metodologias para proporcionar uma maior e melhor qualidade nas

minhas aulas após a minha formação. (Licenciando em Educação Física, 4º período, UFF).

De acordo com o acompanhamento feito junto à supervisora do Programa de Residência Docente em Educação Física no âmbito do PROEJA, é possível identificar no grupo acompanhado que existe a necessidade de apresentar a todos os alunos, independente do gênero, diversas modalidades de esportes e atividades físicas, a fim de que todos tenham uma vivência mais rica e apresentem desenvolvimento físico significativo. Outro ponto observado foi a abordagem de temas relacionados à saúde com os alunos, trazendo cada vez mais informações que possam auxiliar no entendimento do funcionamento do corpo humano. Sendo assim, para a prática profissional na rede pública de ensino do município do Rio de Janeiro, nas aulas ministradas para o Fundamental I de Educação Física, seria de grande valor utilizar-se dos assuntos abordados anteriormente oferecendo uma experimentação mais abrangente de assuntos relacionados à saúde e de atividades físicas diversas, tornando as aulas mais ricas e igualitárias, com atividades para meninos e meninas sem restrições. (Pós-graduando do Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II, docente de Educação Física da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro)

Fonte: os autores.

As narrativas apresentadas parecem indicar uma percepção positiva dos parceiros de trabalho em relação aos conhecimentos e vivências experienciados no decorrer do primeiro semestre. Na visão dos licenciandos, os conhecimentos servem como inspiração e as condutas da professora regente servem como modelo para a futura prática pedagógica. A necessidade de respeitar e valorizar as diferenças também é destacada, tanto pelos licenciandos quanto pelo residente, como algo a ser considerado pelo professor de Educação Física que trabalha com a EJA.

Considerações finais

A abordagem da temática saúde se mostrou profícua, sob o ponto de vista da proximidade dos assuntos com o cotidiano dos estudantes da EJA e da atribuição de sentidos e significados relativos à aprendizagem ao longo da vida, sobretudo referentes à importância de levar um estilo de vida saudável. As vivências referentes às práticas corporais foram desenvolvidas conforme as especificidades e demandas dos grupos, o que permitiu a criação de um ambiente de confiança e o desejo de participar de outras atividades fora da sala de aula. As estratégias didáticas utilizadas favoreceram a participação dos parceiros de trabalho envolvidos – licenciandos e pós-graduando – criando um ambiente de reflexão e diálogo sobre as potencialidades e dificuldades que envolvem o ensino de Educação Física na EJA. Como perspectiva futura para o segundo semestre de 2019, pretende-se desenvolver um projeto de trabalho interdisciplinar, a fim de abordar aspectos sugeridos pelos estudantes, promover a discussão sobre o lazer/entretenimento e realizar um evento que envolva a comunidade escolar para compartilhar os produtos culturais construídos pelos estudantes.



Referências

BANDURA, Albert; AZZI, Roberta. G.; POLYDORO, Soely. **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional. Legislação, Brasília, DF, dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 04 fev. 2019.

BRASIL. Colégio Pedro II: Educação Física no Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do Colégio Pedro II. Departamento de Educação Física, 2018. Não publicado.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF; MEC; CONSED; UNDIME, 2017.

GENTILE, P.; ANDRADE, C. Avaliação nota 10. **Revista nova escola**, 2001.

NAHAS, M. V.; DE BARROS, M.V.G.; FRANCALACCI, V. O pentáculo do bem-estar-base conceitual para avaliação do estilo de vida de indivíduos ou grupos. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 5, n. 2, p. 48-59, 2000. Disponível em: <http://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/1002>. Acesso em: 18 abr. 2019.

OPAS/OMS. Declaração de Alma-Ata. **Conferência Internacional sobre Cuidados Primários em Saúde**. 1978. Disponível em: <http://www.opas.org.br> Acesso em: 12 abr. 2019.

PAIVA, J. **Direito à Educação de Jovens e Adultos: concepções e sentidos**. 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT18-2553--Int.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2019.

PELLEGRINI, D. Avaliar para ensinar melhor. **Revista Nova Escola**, n. 159, 2003.

ROCHA, I. dos S. **Autorregulação da saúde na Educação Física Escolar: uma proposta de ensino na Educação de Jovens e Adultos**. 139 f. (Dissertação) Mestrado Profissional em PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA Instituição de Ensino: COLÉGIO PEDRO II, Rio de Janeiro, 2018.

ROSÁRIO, P. **Estudar o Estudar: as (des)venturas do Testas**. Porto: Porto Editora, 2004.

ROSÁRIO, P.; POLYDORO, S. A. J. **Capitanear o aprender: promoção da autorregulação da aprendizagem no contexto educativo**. Série Teoria Social Cognitiva em Contexto Educativo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

SANTOS, L. **Auto-avaliação regulada: porque, o que e como?** In: ABRANTES, P.; ARAÚJO F. (Orgs.). Avaliação das Aprendizagens. Das concepções às práticas. Lisboa: ME, 2002. p. 75-84.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, ago./dez. 2019, p. 182-195.

Recebido em: 15/08/2019

Publicado em: 13/04/2020

SILVA, A. P. et al. Educação em saúde: perspectivas interdisciplinares. In: SILVA, K. R. X.; AMPARO, F. V. S. **Criatividade e Interdisciplinaridade**: Desafios, Possibilidade e Práticas na Educação Básica. 3. ed. Rio de Janeiro: Pedro & João Editores, 2017. p. 59-70.

SILVA, K. A.; BARTHOLOMEU, M. A. N.; CLAUS, M. M. K. Auto-avaliação: uma alternativa contemporânea do processo avaliativo. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 89-115, 2007.

